

A pulsão de morte – uma resenha

Resenha do livro *A pulsão de morte*, de A. Green, P. Ikonen, J. Laplanche, E. Reichardt, H. Segal, D. Widlöcher e C. York.

Marco Aurélio Crespo Albuquerque¹

O livro *A pulsão de morte*, pequeno mas denso, reúne a transcrição de textos de um Simpósio da Federação Europeia de Psicanálise, realizado em Marselha, em março de 1984, naquele que foi o primeiro encontro entre psicanalistas europeus de línguas diferentes. Para esse simpósio inaugural, foi escolhido um tema teórico, tão clássico quanto controverso, o da pulsão de morte. Esse conceito até hoje vem sendo muito discutido dentro da psicanálise, desde o momento em que foi proposto por Freud (1921), no trabalho *Além do princípio do prazer*.

Apoiado, em princípio, numa hipótese biológica, de uma tendência primária do organismo à redução completa das tensões, pretendia explicar o dualismo pulsional, a tendência a uma compulsão à repetição, a origem da agressividade e da autoagressividade. Daniel Widlöcher, psicanalista francês que organizou a publicação, assinala como não foi surpreendente que uma visão tão geral, especulativa segundo Freud mesmo dizia, originasse tantas interpretações e aplicações diferentes.

Para apresentarem suas ideias sobre o tema, foram convidados quatro psicanalistas de diferentes correntes teóricas. Na primeira exposição, Jean Laplanche abordou a pulsão de morte dentro da teoria da pulsão sexual. Na segunda exposição, Hanna Segal falou da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte na psicanálise.

¹ Psiquiatra e Psicanalista. Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Membro Efetivo da International Psychoanalytic Association. Psiquiatra e Professor Convidado das Residências Médicas de Medicina de Família e Comunidade, e de Psiquiatria, do Hospital Nossa Senhora da Conceição.

Na terceira, Eero Rechartt e Pentti Ikonen, analistas finlandeses, abordaram os destinos da pulsão de morte. E, finalmente, na quarta exposição, André Green abordou o narcisismo negativo e seu conceito da função desobjetalizante.

Após a transcrição do texto desses quatro autores, foram adicionados mais dois textos, um de Clifford Yorke, sobre a questão da própria oportunidade do conceito, e um complemento da exposição de Eero Rechartt, sentido por ele como necessário à complementação de suas ideias.

Foram propostas, para introduzir a discussão, as seguintes questões:

1. O que manter da teoria da pulsão de morte tendo em vista a nossa prática e o modelo de funcionamento mental necessário para seu exercício?
2. Seria esse realmente um conceito necessário?
3. Ajuda a compreender a natureza fundamentalmente conflitiva do jogo pulsional dar o peso adequado ao trabalho da ideia de morte na atividade psíquica, explicar os limites da ação terapêutica ou dar conta de estruturas psicopatológicas inexplicáveis exclusivamente pelo modelo do conflito neurótico?

Necessariamente, os pontos de vista foram divergentes e contraditórios. Mas o interesse do encontro não era apagar as contradições, nem mesmo ter uma visão que permitisse superá-las ou corrigi-las. Ao contrário, o interesse era analisar o conceito e explicar sua origem a partir dessas diferentes compreensões teóricas.

Após as exposições teóricas e discussão geral, houve uma mesa redonda, para a discussão entre os expositores. O texto extra, de Clifford Yorke, analista britânico e seguidor de Anna Freud, alinhado à corrente freudiana na Inglaterra, foi incluído, a convite da organização, por ele ter uma posição pessoal diferente de todos os expositores.

Segundo Yorke, apenas Hanna Segal trouxe material clínico. Os demais, nas suas próprias palavras, fizeram “especulações de gabinete”, o que não seria um problema se fossem reconhecidas como tal. Esse problema ao qual se refere, o das teses especulativas dissociadas de material clínico que as sustente e comprove, é onipresente e continua existindo em muitas publicações psicanalíticas atuais.

Ele levantou cinco questões interessantes e complementares ao que tinha sido exposto e discutido até o momento:

1. Postulamos uma teoria dualista das pulsões? Mais especificamente, postulamos uma pulsão destrutiva independente da libido, embora ambas possam, às vezes, estar fundidas?

2. Essa pulsão destrutiva/agressiva, inicialmente, estaria voltada para o interior e, depois, seria desviada para fora, contra os objetos?
3. Em que esta pulsão seria diferente de uma pulsão masoquista primária?
4. A que princípio regulador obedece a pulsão de morte?
5. Que ligação, se é que há alguma, teria entre pulsão de morte psicológica – ou qualquer outra pulsão – e a biologia?

O livro termina com a transcrição da mesa redonda, um debate entre todos os palestrantes convidados. Daniel Widlöcher abre a mesa apontando o que, para ele, são os dois pontos de convergência nas exposições feitas, bem como apontando os elementos de divergência. Para Widlöcher, nenhuma das exposições sinalizaram uma ligação entre pulsão de morte e agressividade primária, assim como nenhuma se referiu diretamente ao modelo biológico, argumento utilizado por Freud para justificar sua teoria dessa segunda pulsão.

Todos os quatro viram ligação entre a pulsão de morte e a compulsão à repetição, mas de diferentes maneiras e não com a ênfase dada por Freud. Também as noções de ligação e desligamento pareciam significar a mesma coisa para todos.

Widlöcher destaca quatro pontos de divergência: 1) a noção de retorno ao inanimado, ao orgânico; 2) a não atribuição do mesmo papel da pulsão de morte nos processos de ligação e desligamento; 3) a diferença no que concerne à noção de desinvestimento das representações; 4) o desacordo entre a pulsão de morte enquanto uma “antipulsão” ou uma pulsão em si mesma.

A partir desses tópicos, ele propõe que a discussão esclareça melhor esses pontos, se não para todos se colocarem de acordo, objetivo aparentemente impossível, pelo menos para que compreendam melhor, porque nem todos têm a mesma teoria e porque existem pontos de vista tão diferentes. Assim, a rica discussão que se seguiu não criou um pensamento único, mas expôs a diversidade de pensamentos a respeito de um conceito tão problemático e controverso, teórica e clinicamente.

Para concluir, tanto o conceito de pulsão de morte quanto esse pequeno grande livro a seu respeito, merecem ser levados em conta pelos psicanalistas, de hoje e do futuro.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 10/09/2018

Aceito em: 08/10/2018

Marco Aurélio Crespo Albuquerque
Rua Tobias da Silva, 85 / 506
90570-020 – Porto Alegre – Brasil
E-mail: marcoalbuquerque@me.com